

NAVEGAR É MAIS QUE PRECISO: O RIGOR NAS PESQUISAS QUALITATIVAS

ALCIDES LEÃO SANTOS JÚNIOR¹⁴⁶

PIMENTEL, Álamo Gonçalves; GALEFFI, Dante; MACÊDO, Roberto Sidnei. **UM RIGOR OUTRO**: a questão da qualidade na pesquisa qualitativa - Educação e Ciências Humanas. Salvador: EDUFBA, 2009. 174p.

Estes são os pensamentos, em epígrafe, nesta resenha, sobre o tema, no diálogo dos autores:

A terminologia *pesquisa qualitativa* é logicamente distinta de *pesquisa quantitativa*. O qualificativo aqui faz toda a diferença. De modo veloz, busco compreender a gênese epistemológica da pesquisa qualitativa e sua relação direta com a gênese das ciências físico-matemáticas modernas. Isso significa não desconhecer a historicidade do que se pode chamar de pesquisa qualitativa qualificada, porque está em jogo uma disputa longamente sedimentada entre o modelo físico-matemático de realidade objetiva e o modelo complexo de realidade objetiva-subjetiva que inere ao ser humano discernir e elaborar criativamente ao infinito, por necessidade vital e não por veleidade ou acaso. (p. 17).

Dante Galeffi

As epistemologias qualitativas no seu desenvolvimento político-epistemológico, historicamente direcionam-se para uma pesquisa *outra*, para uma ciência *outra*, para um rigor *outro*, diria mesmo e de uma forma significativa para uma formação *outra* em relação à pesquisa. (p. 78).

Roberto Sidnei Macêdo

A antropologia e a educação são emergências da experiência ontológico-fenomenológica das interações entre os indivíduos e

¹⁴⁶ Pedagogo, Mestre em Ciências Sociais (UFRN), Doutorando em Educação (UFBA), professor da área de Fundamentos da Educação, do Curso de Enfermagem, do *Campus* do Seridó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Complexo (UERN), Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação (PPGCS/UFRN) e do FORMACCE - Currículo, Complexidade e Formação (PPGED/UFBA). Contato: alcidesleao@uern.br.

a cultura. Ambas participam da construção das condições de existência do humano enquanto humano e da expansão do humano através da produção e circulação social do conhecimento. (p.152).

Álamo Pimentel

Eles são professores-pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia, Dante Galeffi, Roberto Sidnei Macêdo e Álamo Pimentel e nos mostram em seu livro **Um rigor outro: A questão da qualidade na pesquisa qualitativa Educação e Ciências Humanas** um mapa (uma rota, uma itinerância) é o lugar que o rigor ocupa nas pesquisas qualitativas, partindo da natureza do conhecimento humano.

É um livro que podemos imaginar se destina a promover reflexões sobre a ciência e não apenas sobre o rigor nas pesquisas qualitativas. Essa propositiva assenta-se na interpretação que fizemos ao ler o conteúdo que emana das páginas de onde fluem diversos questionamentos e diálogos sobre a produção da ciência na Educação e nas ditas Ciências Humanas e por que não as Sociais Aplicadas ou não?

Sabemos que a ciência é um postulado dos *sapiens-sapiens-demens* que visam à construção de um novo conhecimento a partir do des/conhecido. Assim, a ciência ao ser encarada enquanto uma das representações do mundo se atém aos mesmos fenômenos e problemas que outros dispositivos discursivos da cultura humana (os mitos, o senso comum, as religiões, a filosofia, as artes). Ela o faz a partir de princípios, regras e métodos que lhe são próprios.

Por este caminho identificar e discutir a importância dos métodos científicos talvez seja a condição *sine qua nom* para a construção coletiva e dialogal do conhecimento nas Ciências Humanas e nos parece que esta foi a proposição dos autores.

Com base nestes argumentos e perspectivas, Dante Galeffi no primeiro capítulo: **O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar** evidencia o percurso metodológico e epistemológico de uma pesquisa qualitativa. Abri caminhos para vislumbrarmos as possibilidades de uma pesquisa qualitativa configurada a partir das experiências humanas. Para este autor, na validação de qualquer pesquisa é preciso questionar a constituição, formular proposições, inferir juízos e produzir conceitos de qualquer natureza ou espécie porque o conhecimento é humano e do humano.

Numa pesquisa qualitativa a ênfase recai sobre o que é imprevisível, pois as relações são fluxos intencionais e propícios às mudanças do inesperado, do imprevisível. Então, percamos a crença em uma **verdade-mundo** consolidada e definitiva e superemos a

dicotomia clássica (sujeito e objeto, ciências da natureza e ciências do espírito), porque o que está em jogo é a compreensão do humano que Galeffi traz pautando-se em Edgar Morin; Basarab Nicolescu, Edmund Husserl dentre outros, são os conhecimentos transdisciplinares que favorecem o processo formativo dos indivíduos, das sociedades e da espécie em sua unidade e diversidade. Galeffi (p. 38), nesse sentido, comenta ainda, que, rigor e flexibilidade “[...] andam juntos na pesquisa qualitativa, porque o excesso de rigidez deve ser corrigido ou equilibrado com a flexibilidade, assim como o excesso de flexibilidade tem que ser corrigido com o tensionamento justo”.

O ensaio de Galeffi é ousado e denso pelo seu caráter epistemológico. Mas muito bem vindo para elucidar (e situar) os leitores para o que está por vir. Em outras palavras é uma matriz filosófica sem dimensão poética, mas que nos conduz a revisitar cada parágrafo acessível e inacessível, único e transcendente na sua forma de narrar suas inquietações, pois o que narra é parte de suas vivências pessoais e intelectuais.

Tudo isso requisita um aprendizado novo assentado e consolidado na *totalidadevivente*, que constitui o conjunto universo de tudo o que é e de nada que não é, na perspectiva humana, reunindo em si formas de espacialidade e temporalidade funcional do cérebro humano e sua co-relação com o corpo e a mente, o interior e o exterior, o subjetivo e o objetivo, o imanente e o transcendente. (GALEFFI, 2009, p. 14)

Roberto Sidnei Macêdo, no segundo capítulo: **Para outras luzes: um rigor intercrítico** tangencia que a busca pelo rigor nas pesquisas qualitativas significa a procura pela qualidade epistemológica, metodológica, ética e política, socialmente referenciadas, visando à construção de um conhecimento acadêmico e científico como sendo um outro lugar para essas pesquisas; um lugar de acolhimento de múltiplos saberes e práticas. Para tanto, como ponto de partida faz um retorno ao universo (não científico?) da mitologia (Hermes) na busca por um caminho para refletir as **temporalidades e diversidades do imaginário**.

Macêdo percorre os marcos gestores, as idéias-chaves da etnopesquisa, o atual estado da arte da pesquisa qualitativa e as inquietações inerentes a multirreferencialidade para anunciar alguns argumentos que circunstanciam a validação de que toda e qualquer pesquisa é uma aventura pensada; tem na **práxis** social o inacabamento e as tensões da imprevisibilidade das pesquisas antropossociais e humanas aplicadas.

A deriva apontada por Macêdo está na compreensão enquanto experiência vivida e vivenciada pelo outro que, muitas vezes, é apontada como sendo um fenômeno idealizado e abstrato. Completa este autor (p. 109) enunciando que no conjunto das pesquisas é “crítica, autocrítica e intercrítica são ações de pesquisa que “[...] devem estar na constituição de um

rigor outro, constituído na implicação social e política da pesquisa e na construção desta **com a diferença**". É um ensaio provocante e provocativo, conecta e relaciona a pesquisa qualitativa, seu rigor e a educação (enquanto campo formativo).

Com suas palavras:

É bom que saibamos também, que as comunidades acadêmicas e científicas nas suas perspectivas culturais, contradições, ambivalências, desconstruções, ou mesmo pelas suas especificidades históricas, políticas e éticas, sempre nos cobrarão a construção de um certo sentido de rigor. Nestes termos, esta problemática não se coloca tratando do domínio de uma *forma exata* de pensar, construir e socializar conhecimentos, ou de trilhar os caminhos sacrossantos que pretendem nos levar até a verdade, mas sobre uma inserção no debate e na defesa, de jeitos, etnométodos, de pensar e de construir os caminhos da pesquisa, em termos técnicos, éticos, estéticos e políticos, que nos possibilite qualidade na produção do conhecimento e suas implicações. Eis a nossa questão. (MACÊDO, 2009, p. 76).

Já Álamo Pimentel em **Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação** título do terceiro capítulo, ancora-se na sua experiência formativa (enquanto docente e proponente de ação extensionista) para chamar à atenção da existência das interfaces do que chamamos de pedagogização. Articulação de saberes e práticas sociais em saberes e práticas pedagógicas dos métodos e técnicas de pesquisas das ciências antropológicas no campo da pedagogia – em especial – a etnografia. Para Pimentel a autoridade e o rigor caminham na mesma direção e co-habitam a legitimação e a tradução do vivido e do vivenciado tal qual o “[...] olhar e a escuta são atitudes conjuntivas de autorização da observação etnográfica.” (p. 140).

Pimentel esclarece e sinaliza as convergências entre o trabalho do antropólogo e do educador através de dois exemplos. No primeiro, nos conduz as narrativas e experiências de campo presentes no trabalho etnográfico que “implica em aproximações e distanciamentos entre aquilo que os outros dizem e fazem em campo [...]” (p. 163).

Este autor, faz neste trabalho uma associação entre a noção de **ontologia do conversar** (Humberto Maturana) e o **estar-junto antropológico** (Michel Maffesoli) para evidenciar o entrelaçamento das histórias de vidas dos sujeitos da pesquisa e re/visita a educação popular (re)direcionando o seu conceito.

No segundo exemplo, ele aborda a experiência vivenciada enquanto docente ao deparar-se com uma estudante que o faz refletir sobre a importância e necessidade dos conhecimentos sistematizados e os **sentimentos de pertencimento cultural e existencial**.

É assim, um texto/capítulo portador de múltiplas percepções e apreensões antropossociais. Como pode ser lido em suas palavras:

É através da experiência vivida em campo que o etnógrafo autentica seus conceitos e métodos de trabalho. Costuma-se dizer que o atestado de qualificação das pesquisas do tipo etnográfico se revela a partir da expressão “eu estive lá”. Desde Malinowski e Boas a consolidação da experiência vivida em campo se dá a partir da construção dos vínculos entre investigador, investigados e contextos das investigações. Pode-se dizer que a experiência conduz à entrada em campo e o pertencimento enraíza o estar no campo, deste ponto de vista a autoridade e o rigor resultam, sobretudo, da legitimidade do vivido na construção do pensado. (PIMENTEL, 2009, p. 132 - 133).

No terceiro ele faz um relato sobre uma estudante de ciências sociais que se deteve na observação da circulação dos corpos no interior de uma Estação, vindo a constatar que **cada um que por lá passa deixa um pouco de si**. Assim, pode compreender que “nesta perspectiva a identificação é um processo de entrelaçamento afetivo-cognitivo no qual os indivíduos buscam compartilhar suas vivências com pessoas com as quais pensam e sentem o mundo” (p. 148). E que, “formam-se a partir daí comunidades de destino geradas incessantemente [...]”. (p. 148).

Em **Um rigor outro: a questão da qualidade na pesquisa qualitativa - Educação e Ciências Humanas** foi possível ver os autores – expoentes de uma Instituição Pública de Ensino Superior – em suas formas singulares de escritas em ensaios que dialogam sobre a filosofia, as ciências sociais, a mitologia e a educação, transpassando a pesquisa qualitativa em suas múltiplas dimensões. Este possivelmente é o rigor outro que direciona as pesquisas qualitativas.

O livro é um convite a todos que se sentem desprivilegiados pela hierarquização das políticas públicas de fomento e incentivo à produção do conhecimento científico a fim de atender a ordem de uma produção intelectual regulada por grupos de pesquisa hegemônicos e que visam o lucro e consideram as pesquisas qualitativas “muito subjetivas”.

Assim, navegamos com o amparo dessa bússola intersubjetivamente sitiada no pensamento daqueles que pensam, parafraseando Boaventura Santos, que uma outra ciência é possível na Educação e nas Ciências Humanas, desde que, observemos as perspectivas de (re)examinar o rigor nas pesquisas com olhos de quem vê no todo múltiplas diferenças, saberes e crenças que devem dialogar com sentido e significado de pertencimentos.